

Hoje, aqui neste encontro, pretendo refletir acerca da escuta do analista sob a perspectiva política das questões de gênero e da ideia de que na psicanálise a sexualidade não é redutível à genitalidade nem às ordenações de gênero.

Para a escuta é fundamental discriminar o que são as identificações produtoras do singular e o que são as afirmações de identidade que, sob a bandeira da diversidade de gênero, recalcam a diferença – vistas, assim, como produtos da resistência. Discriminam o diferente pois “Narciso acha feio o que não é espelho”, remetendo ao narcisismo das pequenas diferenças e estabelecendo laços baseados na escolha narcísica que busca o mesmo, a especularidade.

A perspectiva política à qual me refiro aponta para o lugar do analista, o lugar da escuta que promove algumas questões: como escutar as “novas subjetividades”? São novas mesmo? Como resistir à alienação produzida pelas correntes da ideologia dominante, que não quer mudanças, que trabalha a favor das exclusões, que tritura e incorpora qualquer proposta nova em sua origem e nos devolve como acomodação, como adequação ao *status quo*, fazendo crer que essa é a verdade absoluta?

Devemos trabalhar sempre para manter a escuta aberta à verdade do sujeito inconsciente, que está mais além das aparências.

Meu primeiro texto para este encontro chamava-se “O mal-estar do gênero” e a ideia inicial era desenvolver uma questão de meu trabalho anterior (“Mulheres e super eu, ainda”), em torno dos usos e abusos do gênero nos tempos atuais, em que a liberação dos costumes – que tomou corpo a partir da segunda metade do século XX – permite as mais diversas manifestações a respeito de si mesmo e de sua imagem apresentada ao mundo. Tempos de diversidade e de narcisismo pesado! O tema “gênero” passou a fazer parte do politicamente correto, as redes fazem circular um mar de notícias, fotos e informações sobre o tema.

Quando uma ideologia dominante, ou o *mainstream*, apodera-se de um tema, uma manifestação, uma tendência, um comportamento, pode ocorrer um movimento de enrijecimento e enquadramento, e então devemos ligar o sinal de alerta. Aquilo que na origem foi revolucionário e inovador corre o risco de perder a força criativa, de disrupção, transformando-se em nova camisa de força. E então a diversidade dá lugar à busca identitária de afirmação do mesmo, fechando as fronteiras e mergulhando no narcisismo das pequenas diferenças, ainda que pareçam grandes. Como resistir?

Com certeza, a luta contínua, diária, incorporada, contra qualquer tipo de preconceito, é uma forma de resistência, um investimento na micropolítica. O que vemos pelo mundo afora, em muitos âmbitos e não só no do gênero, são definições de comportamentos, roupas, estilos de vida – a busca de uma identidade que nos dê ao menos a ilusão de um lugar de pertencimento. Porém, se tomarmos o mundo atual, o reconhecimento da diferença é tarefa quase impossível. Tempos complexos esses que vivemos, pois concomitantemente à liberação dos usos e costumes vemos o recrudescimento nos comportamentos e ideologias. Um exemplo disso é o feminismo radical das jovens que vão à luta para vingar-se da opressão histórica e ao mesmo tempo dos ataques, estupros e assassinatos frequentes de mulheres. Machismo, xenofobia e fascismo continuam muito presentes em nossa sociedade, que permanece estruturada na desigualdade: uma elite poderosa que vive às custas de uma população sem recurso algum. Algo de novo nisso?

As circunstâncias e leituras que fiz mudaram, ou melhor, desdobraram meu interesse de trabalho. Pensando nas novas configurações do gênero, nos comportamentos, nas intervenções, no risco de cristalizar em questões identitárias, mudei o foco do texto para a escuta. Ou como eu, psicanalista, escuto essas manifestações, seus excessos, suas singularidades e idiossincrasias. Escutar o mundo em que vivemos. Daí a mudança do título para “Além do gênero”.

Comecei a perceber que seria fundamental levantar algumas questões para reflexão, questões que estão relacionadas também ao tema do gênero, porém, mais do que tudo, ao modo como escutamos a angústia de nossos pacientes, estejam onde estiverem, no divã ou na rua. Seu sofrimento *à la* século XXI.

Nessa elaboração, busquei apoio em diferentes pensadores da psicanálise, sociologia e filosofia para uma discussão sobre os tempos atuais. Assim, deparei de novo com o mal-estar, mais especificamente com o que a psicanálise tem a dizer hoje sobre ele. Então, escuta e mal-estar são os eixos deste trabalho, e a função política do analista é entender e refletir sobre o tempo em que vivemos para poder fazer adaptações, reinventar-se.

Um dos abusos que me inspiraram e que quero nomear é o que se refere à opção da transexualidade. Os avanços são bem-vindos e necessários, como estender a Lei Maria da Penha aos trans- o Brasil é um dos países com maior número de ataques e assassinatos. Direitos adquiridos, mas como exercê-los? Aqui, a psicanálise tem muito com o que contribuir, a partir da ideia básica de processo, que muitas vezes não se completa: por exemplo, uma cirurgia de troca de sexo naturalizada, sem processo algum na construção. É muito bom que os serviços tenham psicanalistas que atendam essa população para ajudar a processar essa passagem nada simples. Pior quando se trata das crianças: um menino veste roupa de menina e já é estigmatizado, o perverso polimorfo é empurrado para uma decisão precoce e violenta. Pensava nisso quando deparei com uma fala de Camille Paglia (2015) insurgindo-se contra esse abuso e trazendo um dado que me era totalmente desconhecido: ao longo da história, em todo final de civilização, a transexualidade aparece e se intensifica. Há que refletirmos sobre isso.

Vivemos um momento da história – espero que não longo demais – em que a moral toma o lugar do Direito, incrementando o mal-estar. O recrudescimento da moral reguladora de usos e costumes seria um desdobramento da quebra do pacto social. Em 1983, Hélio Pellegrino, em artigo sobre a quebra do pacto edípico, profetiza: “Se o pacto social é iníquo e avilta o trabalho, ele vai aviltar e tornar iníqua a renúncia pulsional por ele próprio exigida”. E segue apontando que o rompimento do pacto social tem profundas repercussões intrapsíquicas, as quais abalam os fundamentos do pacto primordial com a lei da Cultura. Só o amor e a liberdade, subordinando e transformando o temor, permitem uma verdadeira, positiva e produtiva relação com a lei. A lei existe sob a égide de Eros, portanto é produto erótico, base do processo civilizatório. E segue:

Freud não foi bastante lúcido nesse sentido. Ao analisar a sociedade capitalista, que tomou como modelo, não se deu conta de que nela a intensidade da repressão existe não apenas em função das exigências do processo civilizatório, mas da injustiça social, que é preciso garantir e manter pela força. Na sociedade capitalista existe – inevitavelmente – aquilo que Marcuse denunciou como sobre-repressão, em virtude da exploração do homem pelo homem. (Pellegrino, 1983)

Justiça seja feita, se Freud não pensou nesse a mais de repressão, nesse excesso, sabia bem que “o homem é o lobo do homem”. A forte quebra do pacto civilizatório em que vivemos abre as portas da barbárie, por exemplo, ao intervir no corpo das crianças que, eventualmente, só queriam fantasiar-se. Ou abre ainda para a intolerância, o ódio, a indiferença, a quebra de qualquer decoro, xingamentos, prisões arbitrárias, um Judiciário que acha que é a própria lei! Temos uma série de exemplos que ilustram essa quebra.

Para Elisabeth Roudinesco, ao lado dos avanços da ciência e dos costumes, vivemos uma contrarrevolução obscurantista, marcada pelo fanatismo e pelo fascismo. E acrescenta: mas não podemos perder o sonho, não podemos deixar de sonhar. “Precisamos saber sonhar antes de qualquer ação. Temos que contribuir [para o mundo] sem o otimismo excessivo nem o pessimismo destruidor. Devemos resistir pela vontade” (2016). Ou, como sugere Pepe Mujica, as derrotas acontecem, mas não podemos perder o encanto. E ainda, Georges Didi-Huberman, que, referindo-se a Walter Benjamin, diz:

A ideologia dominante, por definição, domina, pelo que poderia dizer que com respeito a isso sou bastante pessimista [...] o que há que fazer é organizar nosso pessimismo [...] no espaço desse pessimismo há mil coisas por fazer. Organizar o pessimismo quer dizer dar uma oportunidade ao desejo de ir mais além. O pessimismo nunca deve ter a última palavra [...] Às vezes ganhamos algo, logo perdemos, mais tarde voltamos a ganhar, etc. Sempre é assim. (Rosero, 2016)

Recorro a esses pensamentos porque eles atravessam transversalmente, são respiros, fluxos, na dura corrente dominante.

A psicanálise é uma prática civilizatória que, em sua radicalidade, pode propiciar esses atravessamentos, ajudando o sujeito a fazer diques, a escoar os excessos, a ultrapassar a compulsão e falar em nome próprio.

Estamos no fim de uma civilização? De muitos lados ouvimos isso. Zygmunt Bauman fala em interregno: não é mais o que era, mas não sabemos ainda o que será.

Seguindo os aportes para ler nossos tempos, recorro a Peter Pál Pelbart, para quem o poder tomou de assalto a vida, isto é, o poder penetrou todas as esferas da existência. Ele pergunta: mas o que são os poderes? Ciência, Capital, Estado, Mídia. E conclui afirmando que este poder é muito mais esparramado, disperso, infinitesimal e molecular. Os poderes não operam mais de fora, nem de cima, mas por dentro, incorporando, integralizando, monitorando, “colonizando o futuro”, como diz Pelbart. O poder, assim como o mal-estar, está dentro, incorporado.

O golpe final no título anterior deste trabalho veio com a leitura de um texto sobre o psicanalista *safe*, nome que surgiu na França a partir da demanda de pessoas que queriam ser escutadas por psicanalistas que não tivessem preconceito com as escolhas sexuais, escolhas essas que são determinantes na formação de identidade, dos grupos. E o papel fundamental da psicanálise é reconhecer isso, entender a identificação como diferença. Hoje, sob a bandeira da diversidade, tribos fecham-se em si mesmas, repetindo a história do preconceito e da negação da diferença. Entendo perfeitamente a demanda de alguém que queira ser escutado sem preconceito. Mas, em nossa prática, como rotular o tipo de psicanalista que sou? Como partir de um pré-saber sobre o sujeito ou de uma pré-escuta, se o analista é aquele que não sabe? Concordo com as autoras Beatriz Santos e Elsa Polverel (2016) quanto à ideia de que a segurança evocada na demanda de um psi *safe* instaura uma perturbação nas condições para que aconteça a escuta. O psicanalista escuta o sofrimento através do que o paciente tem a dizer. A partir do momento que aceitamos um paciente – aí sim temos a

escolha –, escutamos o que vier. Um analista preconceituoso, que não questiona seu preconceito, pode escutar? Em última instância, é analista? Não quero ser chamada de *safe* por não ter preconceitos – quem não os tem? Quero ser chamada de psicanalista. Foi por causa disso que mudei o título e o enfoque de meu trabalho. A questão do gênero está bem ou maltratada em prosa e verso, não teria contribuições a fazer. O psicanalista que se acredita *safe* aceita a ilusão de um porto seguro de reconhecimento identitário, afastando a possibilidade de que o estranho se produza no encontro. Se aceitamos a marca identitária estamos na contramão da psicanálise, do saber de que o eu é inexoravelmente dividido, de que qualquer unidade é ficção – necessária, mas ficção. Para Freud, o eu não é senhor do teatro do eu.

Em nosso *métier* procuramos abrir a atenção flutuante ao inconsciente. Escutamos o mal-estar- Freud lê a modernidade por meio da questão do mal-estar, que resulta da oposição entre os registros da pulsão e da civilização. Civilizar implica renunciar e, entre os mecanismos primordiais para o processo civilizatório, a sublimação como destino possível da pulsão é via privilegiada. Apesar das dificuldades em torno do conceito –sabemos que um dos artigos de metapsicologia que sucumbiu à pirotecnia de Freud, como diria Emilio Rodrigué, era sobre a sublimação – ainda assim, o conceito seguiu e segue sendo referência para pensarmos a civilização.

Durante a construção deste texto li a crônica “O fim do sublime”? em Chroniques “Philosophiques”, do jornal francês *Libération* (Dufourmantelle, 2016). A autora, a filósofa e psicanalista Anne Dufourmantelle, propõe que, em nossas sociedades agitadas pelas pulsões, a sublimação parece estar em vias de desaparecimento, em benefício da recusa e da passagem ao ato. O mundo não suporta nenhum limite na satisfação da pulsão. Imediatez, pressa, fluidez, refletem uma sociedade em que não há espaço nem para a frustração nem para a espera; uma sociedade pós-industrial, pós-guerra, que não admite que sublimemos. Como a frustração não é suportável, encontramos sem cessar novos objetos para nosso apetite. A abstração, o estilo, a precisão são inimigos, pois nos tornam lentos. Não lemos, a leitura toma tempo e não produz nada além da capacidade de sonhar e pensar. Triste humanidade. Ou a vida líquida de Zygmunt Bauman, os laços humanos voláteis. Se tomamos essa hipótese como possível,

poderíamos pensar muitas das manifestações, dos comportamentos, da barbárie, como a passagem ao ato daquilo que não se elabora. Isso explicaria muito das “novas subjetividades”. E, de qualquer forma, o mal-estar não se resolve: a própria sublimação, se exige renúncia, é causa de mal-estar.

Como psicanalistas, procuramos ajudar a modular as intensidades, a diminuir os excessos e a fazer a gestão do incurável mal-estar no espaço social, constituindo laços sociais horizontais entre as subjetividades. Desde *Totem e tabu*, Freud sabe da importância dos laços fraternos e da simbolização do pai. Onde estão os nomes do pai? Será que a barbárie instaurada é a prova de identificação com o tirano? Um fascista dentro de nós. É possível restaurar a figura do pai como forma de contrapor-se ao mal-estar? Para Freud, a horizontalidade da frátria é necessária para superar o narcisismo das pequenas diferenças. É em função desse narcisismo que a intolerância e a violência se realizam, em nome de ideais nacionais, étnicos, políticos e sexuais. O reconhecimento da singularidade e, portanto, a aceitação da diferença são fundamentais para a humanidade, para a convivência no coletivo, para a manutenção dos laços sociais e a sustentação de nosso desamparo atávico – essa continua sendo minha utopia. Para terminar, Bauman, resgatando Gramsci, propõe sermos pessimistas com o presente e otimistas com o futuro (Ribeiro, 2016).

### Referências bibliográficas

Cazes, Leonardo. (2016). Bauman lança livro e diz: o desafio do presente é construir o novo. Entrevista com Zygmunt Bauman, a respeito de seu livro *Babel*. *O Globo, Livros*, 5 ago. 2016.

Dufourmantelle, Anne. (2016). La fin du sublime? *Chroniques “Philosophiques”*, *Libération*, 9 jun. 2016.

Freud, Sigmund. (1930-1936/2011). *O mal-estar na civilização e outros textos*. *Obras completas*. vol. 16. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Paglia, Camille. (2015). *Roda Viva Internacional*, TV Cultura, 22 out.

Pelbart, Peter Pál. (2013). Viver não é sobreviver: para além da vida aprisionada. In: Rede Humaniza SUS: III Seminário Internacional “A Educação Medicalizada: Reconhecer e Acolher as Diferenças”. São Paulo, 15 jul.

Pellegrino, Hélio. (1983). Pacto edípico e pacto social. *Folha de S. Paulo, Folhetim*, 11 set.

Ribeiro, Milton. (2016). Zygmunt Bauman: ‘Três décadas de orgia consumista resultaram em uma sensação de urgência sem fim’. Entrevista com Zygmunt Bauman. O Estado de São Paulo, 8 ago.

Rosero, Santiago. (2016). El pesimismo no puede tener la última palabra. Entrevista com Georges Didi-Huberman. Rádio França Internacional (RFI), 20 out.

Roudinesco, Elisabeth. (2016). Progreso só existe na ciência. Na psicanálise existem transformações. In: Fronteiras do Pensamento, Folha de São Paulo, 26 set.

Santos, Beatriz; Polverel, Elsa. (2016). Procura-se psicanalista segurx. Uma conversa sobre normatividade e escuta analítica. *Revista Lacuna/ Lavra Palavra*, 22 maio/20 jun.